



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



CULTURA  
ACADÊMICA  
*Editora*

# Aspectos Semântico-Discursivos das Hesitações em Enunciados de Parkinsonianos:

Resultados e Desdobramentos

Lourenço Chacon

**Como citar:** CHACON, Lourenço. Aspectos Semântico-Discursivos da Hesitações em Enunciados de Parkinsonianos: resultados e desdobramento. *In:* GIACHETI, Célia Maria; GIMENIZ-PASCHOAL, Sandra Regina. **Perspectivas em Multidisciplinares em Fonoaudiologia: da Avaliação à Intervenção.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. p. 93-114.  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2013.978-85-7983-452-3.p93-114>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# ASPECTOS SEMÂNTICO-DISCURSIVOS DAS HESITAÇÕES EM ENUNCIADOS DE PARKINSONIANOS: RESULTADOS E DESDOBRAMENTOS

*Lourenço CHACON*

## INTRODUÇÃO

Neste capítulo, será feita uma síntese de doze anos de investigações conjuntas sobre o funcionamento das hesitações em enunciados falados de sujeitos com Doença de Parkinson. Essas investigações foram e tem sido levadas a cabo por pesquisadores com formação em linguística e em fonoaudiologia que integram o Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a linguagem*, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (GPEL/CNPq) – doravante GPEL.

O título deste capítulo antecipa os três grandes investimentos (teórico-metodológicos) que têm norteado as investigações sobre esse funcionamento: (1) um enfoque assumidamente discursivo para as hesitações; (2) uma atenção especial para um fato empiricamente marcante, mas surpreendentemente negligenciado pela literatura biomédica e, também, pela literatura linguística sobre os problemas de linguagem, a saber, as frequentes hesitações na fala de sujeitos parkinsonianos; e (3) um destaque para aspectos semânticos que podem ser resgatados nas hesitações desses sujeitos, se vistas sob ótica discursiva.

Na sequência, inicialmente serão expostos os principais resultados dos doze anos de investigação: em primeiro lugar, aqueles relativos à busca

de consolidação de pesquisas conjuntas no GPEL; depois, aqueles de natureza teórico-metodológica sobre os problemas de linguagem de sujeitos parkinsonianos. Terminada a exposição desses dois tipos de resultados, serão apontados os desdobramentos que eles permitem vislumbrar.

## PRINCIPAIS RESULTADOS

Quatro resultados muito positivos estão sendo obtidos quanto à busca de consolidação de investigações conjuntas do GPEL sobre o funcionamento das hesitações em enunciados falados de sujeitos com Doença de Parkinson.

O primeiro desses resultados diz respeito à *construção de um banco de dados*. Ao longo de dois anos, a cada quatro meses, foram registradas, em áudio e em vídeo, sessões de conversação entre sujeitos parkinsonianos e um documentador. Foram, ainda, registradas, a cada oito meses, em áudio e em vídeo, sessões de conversação entre esse mesmo documentador e sujeitos sem lesão neurológica com características sociolinguísticas semelhantes às dos parkinsonianos. O maior intervalo entre as gravações dos sujeitos sem lesão neurológica se deveu ao fato de que, dadas suas boas condições de saúde neurológica, sua condição enunciativo-discursiva poderia vir a sofrer pouca ou nenhuma alteração num período de dois anos. Situação bastante diferente ocorre com os sujeitos parkinsonianos: alguns deles podem apresentar mudanças significativas de condições discursivas em intervalos bem reduzidos de tempo. Desse modo, com essa coleta, foi possível construir um banco de dados que não apenas permitiu (e continuará permitindo) a realização de pesquisas transversais, como, ainda, de pesquisas longitudinais. Destaca-se a preocupação com a realização de pesquisas longitudinais na medida em que o tempo de doença é um fator que pode contribuir para mudanças nos sintomas dos parkinsonianos (incluindo-se, obviamente, os sintomas de linguagem – foco de interesse das pesquisas do GPEL).

Constam, ainda, desse banco de dados, produções escritas de todos os sujeitos (parkinsonianos e não-parkinsonianos). Essas produções foram coletadas nos mesmos dias de registros das sessões de conversação. Diferentes gêneros textuais foram propostos, para todos os sujeitos, em cada

sessão de coleta. Mais uma vez, destaca-se a preocupação com a realização desse tipo de coleta, já que é praticamente nula a preocupação da literatura biomédica e da literatura linguística com a condição enunciativa escrita de sujeitos com Doença de Parkinson – como se os problemas desencadeados pela doença atingissem apenas os aspectos motores da escrita!

Com o apoio do CNPq (Processos 401675/2004 – 1 e 502221/2005 – 4), atualmente os registros desse banco estão, ao mesmo tempo, digitalizados e transcritos de acordo com normas adaptadas de Preti & Urbano, Marcuschi e Koch<sup>1-3</sup>. Nas transcrições, especialmente nos momentos em que ocorreram hesitações, foram incluídas informações não-verbais de várias naturezas. O acesso a essas informações foi facilitado pelo fato de as sessões, além de serem registradas em áudio, também o terem sido em vídeo. Trata-se de informações de extrema relevância, já que remetem a fatos ocorridos durante as situações reais de registro das conversações – como, por exemplo, mudança de direção de olhares para e entre interlocutores, dificuldades de movimentações de articuladores nos sujeitos parkinsonianos, dentre várias outras.

A importância de se terem adicionado tais informações já tem se mostrado, na medida em que elas têm tido, muitas vezes, papel decisivo na interpretação que os pesquisadores do GPEL fazem de características semântico-discursivas das hesitações nas análises dos dados. A título de exemplo: numa situação na qual apenas com a audição e com uma transcrição exclusivamente verbal da sessão se detecta uma pausa em início de/entre enunciados – fato que não necessariamente autorizaria a atribuir a ela o estatuto de pausa hesitativa –, o apoio a aspectos não-verbais da transcrição (tais como franzir de sobrancelhas, gestos com as mãos, mudança de direção do olhar etc.) possibilita melhor interpretação do funcionamento dessa pausa e, conseqüentemente, fornece mais elementos para a definição de seu estatuto (hesitativa ou não-hesitativa).

Esse banco de dados, além de estar alimentando investigações de pesquisadores do GPEL (e – espera-se – também, num futuro próximo, as de outros pesquisadores do país que venham a se interessar pelos problemas de linguagem em parkinsonianos), tem propiciado um segundo bom resultado quanto à busca de consolidação de investigações conjuntas do GPEL: uma bem sucedida *integração entre pesquisas em nível de graduação*

*e de pós-graduação.* Mantendo (e reforçando) uma visão discursiva do fenômeno hesitativo para a explicação desse fenômeno em sujeitos com Doença de Parkinson, tem-se procurado expandir as reflexões para as investigações em nível de graduação, de mestrado e de doutorado.

Com efeito, nesses doze anos, com apoio Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), CNPq e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), foram concluídas e estão em andamento 15 pesquisas, em diferentes níveis, como se pode verificar no quadro a seguir:

NÍVEIS		
Iniciação científica	Mestrado	Doutorado
09	06	01

Quadro 1: Pesquisas concluídas e em andamento

Essa produção decorre do vínculo institucional do coordenador do GPEL, ao mesmo tempo, com o curso de graduação em Fonoaudiologia da Unesp/Marília e com o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Unesp/São José do Rio Preto. Destaque-se que todas essas pesquisas foram desenvolvidas por fonoaudiólogos que concluíram sua graduação no curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) e que mostraram interesse por uma formação mais aprofundada em Linguística.

Alguns fatos devem ser ressaltados a propósito dessa integração graduação/pós-graduação. Desde o início de sua iniciação científica, há 11 anos, a atual doutora Julyana Chaves Nascimento desenvolveu pesquisa sobre questões de linguagem em sujeitos com Doença de Parkinson. Após o término de sua graduação em Fonoaudiologia, prosseguiu seus estudos em nível de mestrado e, posteriormente, em nível de doutorado. Paralelamente a sua formação acadêmica, desenvolveu atividades profissionais na Universidade Federal de Uberlândia – onde atuou como fonoaudióloga clínica. Dada a singularidade de sua formação, em suas atividades clínicas, atuou com sujeitos parkinsonianos, alguns dos quais compõem o banco de dados do GPEL. Além de atendê-los clinicamente – levando para seus atendimentos a contribuição de sua formação em estudos linguísticos –, a doutora Julyana teve exemplar papel na condução das sessões de gravação dos sujeitos que se prontificaram a colaborar para a constituição do referido

banco. Esse destaque deve ser feito especialmente em razão da preocupação que os pesquisadores do GPEL tem de que os conhecimentos construídos sobre os problemas de linguagem de sujeitos parkinsonianos tragam não apenas conquistas acadêmicas, mas também (e muitos!) benefícios à atividade clínica de linguagem com esses sujeitos.

Decorre dessa integração um terceiro resultado das investigações do GPEL sobre as questões de linguagem em parkinsonianos – os *produtos* dessa ação conjunta. Durante os 12 anos de investigação, descobertas de todas as pesquisas foram e tem sido sistematicamente expostas em eventos regionais, nacionais e internacionais no campo da Linguística e no campo da Fonoaudiologia. Descobertas das pesquisas também foram e têm sido publicadas tanto sob forma de resumos em anais de eventos quanto sob forma de artigos em periódicos e, ainda, em capítulos de livros.

O GPEL, portanto, tem procurado divulgar, sob diversos formatos, as descobertas de suas investigações a respeito das questões de linguagem em sujeitos com Doença de Parkinson. O modo pelo qual se tem chegado a essas descobertas pode ser considerado como o quarto (principal) resultado das investigações do GPEL: a *constituição de um arcabouço teórico-metodológico* sobre o funcionamento das hesitações. Esse arcabouço, além de subsidiar pesquisas no interior do referido grupo, tem fornecido subsídios para a avaliação e a prática clínica que se desenvolve em Fonoaudiologia com os sintomas de linguagem (e não apenas, como inicialmente se previa, aqueles decorrentes da Doença de Parkinson!). É mais especificamente dos resultados de natureza teórico-metodológica possibilitados por esse arcabouço que se passará a tratar.

Conforme antecipado, um primeiro investimento das investigações do GPEL sobre questões de linguagem em parkinsonianos foi o de se propor um enfoque assumidamente discursivo para as hesitações. Serão sintetizados os principais retornos desse investimento.

A literatura que se volta para as hesitações as vê, segundo resultados das investigações do GPEL, como efeito de determinações multifatoriais. Dentre essas determinações, destacam-se, de acordo com a visão do grupo sobre essa literatura, sobretudo aquelas que advêm de aspectos cognitivos e interacionais do exercício (falado) da linguagem<sup>4-12</sup>. É digna de nota,

aliás, a dedicação da literatura psicolinguística aos aspectos cognitivos de pausas (hesitativas ou não) e (outras marcas de) hesitações. A força dessa tradição se mostra, inclusive, nos estudos linguísticos de orientação textual-interativa, na medida em que, para estes últimos (sobretudo no que concerne a hesitações), processos interacionais não se desvinculam de processos cognitivos na produção textual falada.

São inegáveis as contribuições dessa literatura – na medida em que, de algum modo, permitem trazer à cena a importância das investigações sobre o exercício concreto da linguagem. Com efeito, de diferentes maneiras, ao mostrarem como se dá a emergência das hesitações, os autores acabam, por extensão, por chamar a atenção para aspectos desse exercício como os pragmáticos, os cognitivos, os conversacionais e – no que mais diretamente interessa ao GPEL – os discursivos. Os autores ainda relacionam essa emergência a processos que poderiam ser interpretados como internos à subjetividade do falante – especialmente processos que, nessa literatura, são vistos como de memória, de planejamento e, mesmo, de reflexividade durante a produção da fala. Assim, se reinterpretados, os trabalhos dessa literatura podem fornecer importantes contribuições para o estudo das relações entre aspectos da subjetividade e aspectos do exercício da linguagem.

No entanto, a despeito da fundamental diferença de orientação entre as formas de abordagem das hesitações, os trabalhos dessa literatura podem ser aproximados, na medida em que, neles: (1) as hesitações são vistas como descontinuidades linguísticas, analisadas prioritariamente em relação a aspectos formais e/ou funcionais da linguagem; (2) é estabelecida uma relação muito próxima entre o que seria um planejamento cognitivo da linguagem, enquanto estrutura, e as hesitações; (3) não são problematizadas as relações entre (diferentes) funções e (diferentes) marcas de hesitação, uma vez que não se explicitam as (diferentes e complexas) formas de conexão entre funções e marcas. Além dessas semelhanças, os enfoques sobre o fenômeno hesitativo tendem, ainda, a se aproximar por se centrarem na materialidade da linguagem, o que lhes permite concebê-lo como um produto dos esforços cognitivos de um sujeito pragmático<sup>13</sup>.

Trabalhos cuja reflexão pode ser situada no campo dos estudos de orientação francesa do discurso<sup>14-18</sup> possibilitaram ao GPEL propor um deslocamento no que se refere ao *locus* teórico-metodológico de investigação

das hesitações. Veja-se em que medida suas reflexões forneceram alicerces para a proposta do referido Grupo.

Inspirada em *trabalhos que tomam o discurso como produto de interdiscursos [e] na abordagem do sujeito e de sua relação com a linguagem permitida por Freud e [por] sua releitura por Lacan, Authier-Revuz<sup>14</sup> propõe o que chamou de heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu discurso. Essa forma de heterogeneidade diz respeito a uma dupla determinação do sujeito e do discurso: (1) de seu exterior; e (2) de seu interior.*

Para explicar a determinação que sujeito e discurso sofreriam de seu exterior, a autora apóia-se, sobretudo, na concepção de Pêcheux do *discurso como produto do interdiscurso*. Nessa perspectiva, a produção do discurso seria regulada pelo interdiscurso – ou, no termos da autora, de seu exterior –, *maquinaria estrutural ignorada pelo sujeito que, na ilusão, se crê fonte deste seu discurso, quando ele nada mais é do que o suporte e o efeito<sup>14</sup>.*

Já para explicar a determinação que sujeito e discurso sofreriam de seu interior, a autora apóia-se na releitura que Lacan faz de Freud e de Saussure e que resulta na *dupla concepção de uma fala fundamentalmente heterogênea e de um sujeito dividido<sup>11</sup>*. De acordo com essa segunda forma de determinação, sob as palavras, sempre outras seriam ditas, já que, desse ponto de vista, a estrutura material da língua possibilita “escutar”, *na linearidade de uma cadeia, a polifonia não intencional de todo discurso, através da qual a análise pode tentar recuperar os indícios da ‘pontuação do inconsciente’<sup>24</sup>.*

Essas duas formas de determinação características da heterogeneidade constitutiva do sujeito e do discurso atuariam de forma integrada: em sua constituição, o sujeito *não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito da linguagem: sujeito descentrado, dividido, clivado, barrado* (id., ibid.). Isso porque, *constitutivamente, no sujeito e no discurso está o Outro<sup>14</sup> – entendido como uma heterogeneidade radical<sup>14</sup>.*

Dado seu estatuto radical, embora “fundadora” do sujeito e do discurso, essa heterogeneidade que os funda lhes escapa – já que interdiscurso e processos inconscientes não são, segundo Authier-Revuz<sup>14</sup>, nem diretamente localizáveis nem diretamente representáveis no discurso. Daí a “radicalidade” que os caracteriza.

No entanto, em sua ilusão necessária de centro do processo discursivo – ou seja, como o *eu* que enuncia –, o sujeito mostra, no fio do discurso, diferentes formas pelas quais “negocia” com a heterogeneidade que o constitui. Trata-se, nesses momentos, não mais da heterogeneidade constitutiva, mas de outra forma de heterogeneidade do sujeito e do discurso: a heterogeneidade mostrada. Mostrada, porque remete às diferentes formas pelas quais o(s) outro(s) – que, na ilusão subjetiva, se constrói(em) como exterior(es) ao processo discursivo – irrompe(m) nesse processo, mas cuja irrupção tenta ser controlada pela figura do *eu* que se apresenta como centro do processo.

Em muitos desses momentos, segundo a Authier-Revuz, detectam-se *buracos* no discurso. Exatamente nesse ponto de sua proposta, a autora destaca um aspecto das formas mostradas de emergência do(s) outro(s) particularmente significativo aos pesquisadores do GPEL: *o fragmento marcado recebe nitidamente através das glosas de correção, reserva, hesitação ... um caráter de particularidade accidental, de defeito local*<sup>11</sup>. Eis, pontualmente, o fragmento da enunciação da proposta de Authier-Revuz que inspirou os pesquisadores do GPEL a desenvolverem a idéia (aliás, não explorada pela própria autora, até onde vai o conhecimento que o grupo tem de suas pesquisas) de que a hesitação seria uma das marcas da heterogeneidade mostrada no discurso.

Authier-Revuz<sup>14</sup> forneceu, assim, o ponto de partida para a proposta de os investigadores do GPEL enfocarem, de um ponto de vista discursivo, o funcionamento das hesitações. Esse apoio foi decisivo para que se pudesse lidar com o alcance/limite das abordagens cognitivistas e interacionais das hesitações. Com efeito, nessas abordagens, a preocupação maior dos autores não parece ser, de fato, com as hesitações, mas, sim, com o planejamento linguístico e/ou com a formulação do texto falado. Em outras palavras, numa relação figura/fundo, nos estudos a que os investigadores tiveram acesso, as hesitações quase nunca ocupam a primeira posição – mesmo que seus autores dêem destaque a elas em vários títulos de trabalhos. Sua importância nesses estudos decorre de indiciarem “problemas” ou “reflexividade” nesse planejamento/formulação.

Em outras palavras, nessas abordagens, as hesitações são, antes, vistas como indícios de discontinuidade do dizer. Mas, de que se

trata a continuidade que essa descontinuidade supostamente abalaria? Caracterizar-se-ia o planejamento/formulação do dizer por uma calmaria pontuada por momentos de turbulência? Pêcheux<sup>18</sup> e Tfouni<sup>16</sup> forneceram elementos fundamentais para a resposta a essa questão, bem como (em decorrência) para uma melhor formulação da proposta do GPEL de uma abordagem discursiva das hesitações.

Com efeito, há, na produção do discurso, *um movimento de deriva e dispersão dos sentidos inevitável, que o autor precisa 'controlar' a fim de dar ao seu discurso uma unidade aparente*<sup>15</sup>. Nessa operação de “controle”, o autor – figura discursiva – assumiria posição de auto-reflexibilidade crítica durante o processo discursivo, *fato este que provocaria, no próprio texto, um retorno constante à forma como o sentido está sendo produzido, sem que isso impeça que ele seja constantemente produzido*<sup>15</sup>.

Dada a constituição heterogênea do sujeito e do discurso, no processo discursivo, *todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, (...) se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro*<sup>18</sup>. Assim, a produção do discurso poderia ser caracterizada *como uma série (...) de pontos de deriva possível*<sup>18</sup>, o que faz com que a deriva possa ser considerada como parte do funcionamento geral da língua (e, portanto, da linguagem)<sup>16</sup>.

Desse modo, o equívoco, a elipse, a falta (que mostrariam, no fio do discurso, a emergência da deriva) não poderiam ser concebidos como *o amolecimento de um núcleo duro lógico*, mas como *heterogeneidade constitutiva*<sup>18</sup>. Portanto, o que caracteriza, por princípio, o processo discursivo é justamente a turbulência, fruto das tentativas incessantes de contenção da deriva do dizer, já que (e a todo momento), no fio do discurso, há a possibilidade de a deriva concretamente vir a se mostrar. Momentos bem sucedidos de contenção da emergência da deriva seriam aqueles em que a turbulência não se deixa entrever (linguisticamente) no fio do discurso – os momentos tradicionalmente tidos como de fluência. Já os momentos de disfluência, nos quais ocorreriam lapsos, esquecimentos, falsos começos e hesitações (que fazem “quebrar” a estrutura material do discurso)<sup>16</sup>, seriam justamente aqueles em que essa contenção não ocorre, e nos quais, portanto, a turbulência constitutiva do processo discursivo se deixa (linguisticamente) mostrar. Em outras palavras, nessa perspectiva,

tanto os momentos considerados como de fluência quanto aqueles considerados como de disfluência corresponderiam a diferentes modos de negociação do sujeito com os outros que o constituem, em diferentes graus de complexidade<sup>13</sup>.

Eis, pois, exposto o pano de fundo da abordagem discursiva das hesitações constituída pelo GPEL. Com base nesse pano de fundo, de modo bastante sintetizado, o grupo propôs entender as hesitações como pontos de ancoragem (nem sempre bem sucedida) nos quais se torna explicitamente problemática a negociação do *eu* com os *outros* constitutivos de um processo discursivo. Para o GPEL, empiricamente, os processos discursivos se mostram sob forma de sessões de conversação – uma vez que elas têm sido consideradas não propriamente como textos falados, mas especialmente como materializações de processos discursivos<sup>17</sup>. Há, portanto, no GPEL, deslocamento não apenas em relação ao modo como a literatura considera as hesitações, mas, também, em relação ao modo como essa literatura (sobretudo na abordagem textual-interativa) considera o material empírico do qual extrai as ocorrências de hesitações. Criou-se, assim, o arcabouço teórico-metodológico (inovador na literatura sobre as hesitações) que vem sustentando o desenvolvimento das pesquisas do GPEL e que parece bem caracterizar o êxito do primeiro investimento de suas investigações – justamente o de propor uma abordagem inovadora para o funcionamento das hesitações.

Passa-se, agora, aos êxitos relativos ao segundo investimento do grupo, qual seja, o de dedicar atenção especial para um fato empiricamente marcante, mas negligenciado pela literatura biomédica e linguística sobre os sintomas de linguagem: as frequentes hesitações na fala de sujeitos parkinsonianos.

Um primeiro êxito resultante desse segundo investimento, já de início, pode ser o próprio fato de o GPEL se voltar para essa lacuna da literatura científica. Com efeito, até onde o levantamento bibliográfico do grupo possibilitou chegar, os poucos trabalhos<sup>19-23</sup> que tangenciam a análise de hesitações nos enunciados de sujeitos com Doença de Parkinson, além de as extraírem, predominantemente, de leitura de frases ou de textos curtos, as caracteriza como problema de fluência verbal. O dado linguístico que comprovaria esse problema seriam pausas (latências?) em momentos que,

nessa literatura, se poderiam traduzir como de “acesso lexical”. Problemas motores característicos da doença explicariam a presença dessas pausas. Em alguns desses trabalhos, elas são vistas, também, como indícios de dificuldades cognitivas que parcela significativa dos sujeitos parkinsonianos tenderia a apresentar.

Um segundo êxito decorre, pois, do olhar alternativo do GPEL para esse contexto. Embora investigadores do grupo tenham constatado que pausas se destacam nos enunciados de sujeitos parkinsonianos – fato que, talvez, explique o olhar exclusivo a esse tipo de marca nos (poucos) trabalhos da literatura biomédica que tangenciam as hesitações –, trabalhos do GPEL<sup>13,24-28</sup> têm mostrado uma diversidade bastante significativa de marcas hesitativas nesses enunciados. Ampliam, portanto, o foco das marcas que podem (e devem) ser investigadas. Detectar, porém, a possibilidade dessa ampliação foi e tem sido possível, sobretudo, pelo fato de os pesquisadores do GPEL extraírem as ocorrências de hesitação não como o faz a literatura biomédica, mas em material mais próximo das situações de uso cotidiano da linguagem<sup>29</sup>, como, por exemplo, em conversações – entendidas, é importante lembrar, como materializações de processos discursivos. Considera-se, pois, como êxito do segundo investimento do GPEL a extensão de uma visão discursiva das hesitações para a explicação de sintomas de linguagem. Com efeito, a literatura linguística não tem se ocupado do funcionamento das hesitações na linguagem sintomática; e a literatura biomédica não tem levado em conta, no que entende como disfluências em parkinsonianos, a complexidade enunciativa subjacente às ocorrências dessas (chamadas) disfluências.

Passa-se, por fim, aos êxitos relativos ao terceiro investimento do GPEL, o de destacar características semânticas que poderiam se resgatar nas hesitações de sujeitos parkinsonianos – se vistas sob ótica discursiva.

Para se tratar dos êxitos relativos a esse terceiro investimento, serão expostos os principais resultados das investigações dos pesquisadores do GPEL – a maior parte delas, de natureza comparativa.

Em primeiro lugar, destaca-se um resultado talvez não tão óbvio para pesquisadores de áreas biomédicas: hesitações ocorrem em enunciados de sujeitos com Doença de Parkinson assim como ocorrem em sujeitos

sem lesão neurológica. Ora, na perspectiva teórico-metodológica assumida pelo GPEL, se as hesitações são, por princípio, um fato de linguagem (e não apenas um fato de fala – como se pode depreender dos estudos de orientação biomédica), enquanto os sujeitos parkinsonianos preservarem características de linguagem, eles apresentarão hesitações em sua fala.

Desse modo, o que a literatura biomédica assinala como presença de hesitações na fala de sujeitos parkinsonianos seria, na verdade, mudanças no modo de funcionamento das hesitações que a Doença de Parkinson possivelmente acarretaria. Trabalhos comparativos ajudariam, portanto, a esclarecer em que medida se aproximariam e se distanciariam sujeitos com Doença de Parkinson e sujeitos sem lesão neurológica, no que diz respeito à presença de hesitações em seus processos discursivos.

Foi o que se passou a fazer. Para tanto, partiu-se da hipótese de que a presença de hesitações em sujeitos com Doença de Parkinson deveria ser explicada em função de um conjunto de fatores, e não apenas das dificuldades motoras que surgem, nos sujeitos, em decorrência da doença. Obviamente, se eles apresentam dificuldades motoras em órgãos necessários à produção – física – da fala, efeitos dessas dificuldades se mostrarão em qualquer característica física da fala. Mas a fala não se reduz a suas características físicas; é, antes, um fato da linguagem, um modo de produção de sentidos. Eis, pois, dentre vários outros possíveis, o fator privilegiado na análise das hesitações: suas características semânticas.

Como, na perspectiva assumida pelo GPEL, sentidos se produzem em práticas discursivas, seria de fundamental importância que se buscasse, nas hesitações em enunciados de parkinsonianos, em que medida suas características semânticas seriam explicadas em função de fatos que poderiam ser localizados em seus processos discursivos. Com base em trabalhos comparativos entre parkinsonianos e não-parkinsonianos, tem-se chegado, concretamente, aos resultados que passarão a ser expostos.

Em ambos os grupos de sujeitos, as hesitações mostram pontos de turbulência na negociação entre o *eu* que se marca como sujeito de um processo discursivo e os *outros* que constituem esse processo. Nesses momentos, para os dois grupos, ou as hesitações impedem que a deriva constitutiva do discurso venha a se materializar, ou, ao contrário, permitem

sua emergência – o que resulta em momentos que se podem caracterizar como de dispersão no processo discursivo<sup>15-16</sup>.

Nos casos de dispersão, também nos dois grupos, ela pode vir a ser, posteriormente, controlada ou, de fato, vigorar. Ocorre controle quando o sujeito opera um retorno sobre o seu próprio dizer, buscando “amarrá-lo”. Trata-se, por exemplo, de momentos nos quais a materialidade linguística do processo discursivo se mostra com coesão e coerência. Quando vigorar a dispersão, esse retorno não ocorre – o que resulta, sobretudo, em momentos de falta de coerência no dizer.

Em síntese, nos dois grupos de sujeitos, as turbulências marcadas por hesitações indiciam momentos em que o dizer desliza entre perder-se ou manter-se – já que a deriva que tenta se instalar nesses momentos de turbulência pode vir, ou não, a se materializar na superfície discursiva.

Vários processos semântico-discursivos têm se mostrado como recorrentes nos deslizamentos (controlados, ou não) marcados por hesitações nos dois grupos de sujeitos: (a) conflitos, no fio do discurso, entre itens lexicais “não-desejados” e “desejados” pelos sujeitos; (b) conflitos entre diferentes aspectos de um tema em curso no processo discursivo; (c) conflitos entre diferentes temas num processo discursivo – caracterizados por momentos em que, no desenvolvimento de um tema, outro tema tenta emergir; (d) emergência de aspectos contextualizadores do dizer que foram sentidos como necessários para o desenvolvimento do processo discursivo; (e) voltas de confirmação ou de negação de aspectos do dizer (do próprio sujeito ou de seu interlocutor); (f) voltas de avaliação de características (semânticas) quantitativas ou qualitativas do dizer; (g) voltas de avaliação de características que envolviam relações de causa e consequência no dizer.

Um fato mais geral (e que remete diretamente às condições de produção dos discursos dos sujeitos) mostrou-se na base desses vários tipos de processos semântico-discursivos. Trata-se do imaginário que permeia as relações entre os interlocutores no processo discursivo, bem como aquela entre eles e os objetos discursivos. Esse imaginário parece, portanto, estar na base de todos os conflitos – desde aqueles que envolvem embates entre itens lexicais “desejados”, ou não, pelos sujeitos, até aqueles que envolvem a contenção ou a emergência de um tema no fio do discurso.

Os resultados, como se pode depreender, mostram que parkinsonianos e não-parkinsonianos assemelham-se quanto ao modo de ocorrência de hesitações em seus processos discursivos. Essa semelhança, portanto, leva a problematizar a explicação (da literatura biomédica) de que a condição patológica, em si mesma, explicaria a ocorrência de hesitações em sujeitos parkinsonianos. Mas, se, em si mesma, a condição patológica não explicaria sua ocorrência, que fatos justificariam a presença empiricamente tão marcante de hesitações nos enunciados desses sujeitos?

O que a doença parece provocar nos parkinsonianos é, acima de tudo, *maior instabilidade em suas tentativas de controle da emergência da deriva*. Em outras palavras, é esse tipo de instabilidade (e não apenas ou exatamente a motora) que, a nosso ver, explica o que, de fato, motiva a maior frequência de hesitações nos enunciados desses sujeitos. Essa instabilidade, marcada (também, mas não exclusivamente) por hesitações, se mostra ao olhar biomédico especialmente como dificuldades de controle de movimentos na fala. No entanto, melhor ela se explicaria se fosse levado em consideração que, nos processos discursivos, movimentos se articulam à produção de sentidos.

Essa produção se mostra relativamente mais turbulenta em sujeitos parkinsonianos do que em sujeitos sem lesão neurológica, *mas não em momentos distribuídos aleatoriamente no processo discursivo*. Isso porque, embora os processos semânticos envolvidos nas hesitações em parkinsonianos e não-parkinsonianos sejam basicamente os mesmos, nos processos discursivos dos primeiros, em relação aos dos últimos, *as hesitações ocorrem, especialmente, em momentos nos quais a dispersão tende a vigorar mais*. Com efeito, nesses momentos, a título de exemplo, são percentualmente mais frequentes os embates entre itens lexicais (52,29% para parkinsonianos e 38,06% para não-parkinsonianos) e os deslizamentos intra e inter temas (22,93% para parkinsonianos e 01,94% para não-parkinsonianos); é também percentualmente maior a ancoragem de parkinsonianos na confirmação/negação de aspectos dos enunciados do interlocutor (35,80% para parkinsonianos e 03,30% para não-parkinsonianos); inversamente, são bem menos frequentes as voltas sobre o seu próprio dizer para contextualização de aspectos do dizer (24,78% para parkinsonianos e 60% para não-parkinsonianos); e, dentre

esses momentos menos frequentes de volta, são percentualmente bem menores aqueles que envolvem relações semânticas mais complexas, como as de causa e consequência (20,8 para parkinsonianos e 46,7% para não-parkinsonianos).

Em síntese, *os resultados apontam não exatamente para dificuldades físicas da fala, no que concerne às hesitações, mas especialmente para relações entre essas dificuldades e a produção dos sentidos*. Um aprofundamento de análise desses resultados, em investigações futuras, seria o de verificar até que ponto esses momentos de dificuldade de produção de sentidos coincidem com momentos visíveis de dificuldades motoras. Sessões vídeo gravadas como as que fazem parte do acervo de pesquisa do GPEL poderiam, facilmente, permitir a identificação (e mesmo a descrição) desses momentos de possíveis coincidências.

Encerra-se, aqui, a enunciação dos ganhos obtidos com o desenvolvimento das investigações do GPEL sobre as questões de linguagem em sujeitos com Doença de Parkinson. Esses ganhos, no entanto, têm possibilitado a extensão dos resultados das investigações para outros campos da inserção acadêmica de pesquisadores do referido Grupo no curso de Fonoaudiologia da UNESP/Marília. Vejamos em que medida se deu/se dará essa extensão.

## DESDOBRAMENTOS

Desde 1991, o coordenador do GPEL é institucionalmente vinculado ao Departamento de Fonoaudiologia da FFC/Unesp. Em razão desse vínculo, esteve diretamente em contato com marcas da instabilidade da linguagem – a princípio, com marcas que mostram sua desintegração em adultos. De uma curiosidade inicial, a instabilidade mostrada nessa desintegração veio, aos poucos, a se converter em objeto de investigações científicas – com maior atenção, nos últimos 12 anos, às marcas de instabilidade em processos discursivos de sujeitos parkinsonianos.

Mas o vínculo com o Departamento de Fonoaudiologia colocou o coordenador também em forte contato com outras marcas de instabilidade, inversas à da desintegração: aquelas (sintomáticas ou não) que se mostram na sistematização da linguagem em crianças, tanto em sua

modalidade falada, quanto em sua modalidade escrita. A propósito, um exemplo mais recente da força desse contato foi o de o coordenador do GPEL ter proposto, para realização no II Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa (o SiMELP 2009), o simpósio *O português falado e escrito em contextos de aquisição e de perda da linguagem*. Esse simpósio foi coordenado também pelas pesquisadoras Carmen Lúcia Barreto Matzenauer (da UCPel) e Ana Ruth Moresco Miranda (da UFPel). O contato com as marcas de instabilidade na aquisição da linguagem se deu, predominantemente, em razão das atividades de extensão universitária do coordenador junto ao Curso de Fonoaudiologia da FFC/Unesp: nessas atividades, a lida é diretamente com questões educacionais e clínicas relacionadas à constituição do sujeito falante e escrevente (no processo convencionalmente chamado de aquisição da linguagem).

Por razões de foco de pesquisa, o GPEL acabou, nos últimos 12 anos, privilegiando a investigação de marcas de instabilidade na desintegração da linguagem em adultos – resultante de sua condição de parkinsonianos. Mas o que dizer de marcas que mostram tentativas de sistematização da linguagem em crianças, sobretudo em sua modalidade de enunciação escrita, como as seguintes:



inpe / en pe ouiviril

e



ele fante / elefante

As duas primeiras tentativas de segmentação ortográfica (*inpe / en pe*) ocorreram no interior do mesmo texto de uma criança. Fato semelhante ocorreu em *ele fante / elefante*, com uma segunda criança. Já a dúvida em “ouviu” ocorreu com uma terceira criança.

Em pelo menos um dos elementos desses pares, detectam-se marcas de correção/apagamento. Trata-se (...) *do reconhecimento do efeito que a substituição pode ter para a própria criança e para seu interlocutor (p. 62)*<sup>30</sup>.

Destaque-se que fenômenos equivalentes a estes na fala (como, por exemplo, pausas, reformulações e correções) não são previsíveis, *como a noção de metaconhecimento, ou mesmo monitoração da fala, o exigiria*(p. 62)<sup>30</sup>. O sujeito escrevente, nesse movimento, emergiria, então, em um outro intervalo: *naquele que se abre entre a instância que fala [escreve] e a instância que escuta [lê], instâncias não coincidentes*(p. 62)<sup>30</sup>.

Assim, essas marcas de correção mostram simultaneamente uma perda e uma busca de ancoragem da escrita. E, na mostra dessa busca, apontam para perspectivas de ancoragem não necessariamente coincidentes entre si – uma vez que, em última análise, as marcas de correção apontam para diferentes instâncias da constituição da enunciação escrita, características de sua constituição heterogênea, e que se mostram como decorrentes de uma escrita/fala e de uma leitura/audição que se dão no próprio ato de escrita e deixam pistas no produto escrito.

Não funcionariam, esses deslizamentos ortográficos, como as hesitações? Ou, em outras palavras, não seriam eles, tais como as hesitações, indícios de negociações turbulentas entre o sujeito que enuncia (pela escrita) e os *outros* que o constituem como escrevente? Não seria, para a criança escrevente, a própria língua um *outro* turbulento, passível de deslizamentos e de equívocos?

Esses deslizamentos na aquisição da escrita, embora muito inquietem os pesquisadores do GPEL, até o presente momento, não se constituíram em objeto mais específico de investigações do referido Grupo. Mas a atenção para eles certamente está sendo dirigida pelos resultados de investigações sobre os deslizamentos, marcados por hesitações, de sujeitos com Doença de Parkinson.

Além desses deslizamentos, dentre os fatos que a investigação das hesitações em parkinsonianos levou a detectar (mas não a explorar), estão outras marcas de instabilidade nos processos discursivos – relacionadas, ou não, com as instabilidades que se mostram nas hesitações. Tem chamado a atenção do GPEL, nessas outras formas de instabilidade em parkinsonianos, seu caráter desviante em relação àquele que elas assumem em adultos sem comprometimentos neurológicos. O olhar prévio (ainda não de caráter analítico) para essas outras formas detecta nelas conflitos (nem sempre

bem resolvidos) entre enunciados concorrentes num processo discursivo – mostrados, por exemplo, pelo que a literatura textual-interativa caracteriza como correções, paráfrases ou inserções parentéticas –, bem como conflitos no ajuste dos significantes na cadeia discursiva – marcados, por exemplo, pelo que se poderia caracterizar como lapsos, equívocos ou erros na produção dos elementos que constituem essa cadeia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interessante é que o olhar que vem orientando integrantes do GPEL para instabilidades na sistematização da linguagem em crianças (apesar de, até o presente momento, ser apenas o olhar da curiosidade, e não o da investigação efetiva) tem detectado, nessa sistematização, instabilidades bastante semelhantes àquelas encontradas em sua desintegração resultante da Doença de Parkinson. Deter-se, mais atentamente, nessas duas condições consideradas extremas do funcionamento da linguagem – a sistematização e a desintegração – foi o que propôs<sup>31</sup>. No entanto, embora o eminente linguista tenha chamado a atenção para similaridades entre essas duas condições, até onde vai o conhecimento dos pesquisadores do GPEL, no Brasil, nem linguistas nem fonoaudiólogos têm investigado, simultaneamente, características linguístico-discursivas desses dois contextos do funcionamento da linguagem. Investigá-los simultaneamente é justamente a curiosidade das próximas pesquisas do GPEL – possibilitada pelos ganhos teórico-metodológicos das investigações sobre as questões de linguagem em parkinsonianos.

Trata-se, pois, de ampliar o essas investigações propiciaram – já que o recorte que as orientaram limitou os integrantes do GPEL a investigarem tão somente o fenômeno hesitativo e, especificamente, na Doença de Parkinson. Em outras palavras, trata-se de ampliar o recorte para o qual se dirigirá esse olhar – agora não só para o contexto de desintegração e/ou de mudança de condição discursiva resultante da Doença de Parkinson, mas também para o de sistematização; não só para as hesitações, mas para marcas mais diversificadas da instabilidade da linguagem.

Não se trata, porém, apenas de uma ampliação de olhar. Trata-se, também e principalmente, de um aprofundamento de olhar – permitido e

sustentado pelos êxitos com as investigações feitas até o presente momento. Um desses êxitos, conforme já exposto, foi justamente o de se terem detectado vínculos entre o funcionamento das hesitações e fatos relativos à heterogeneidade constitutiva do sujeito e dos (seus) processos discursivos. Investigar instabilidades da linguagem (não só daquelas mostradas por hesitações) constituirá, de certa forma, uma continuidade das pesquisas anteriores. Com efeito, instabilidades na constituição e nos sintomas (tanto os que se mostram já numa constituição desviante, quanto os que se mostram em desintegrações e/ou mudanças de condições discursivas), privilegiadamente escancaram a heterogeneidade do funcionamento da linguagem.

## REFERÊNCIAS

1. Preti D, Urbano H. A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: v.3, entrevistas. São Paulo: TA Queiroz, 1990.
2. Marcuschi LA. Aspectos da progressão referencial na fala e na escrita no português brasileiro. In: I. Colóquio Internacional de Língua Portuguesa; 2008 mar; Berlim, Alemanha. Cabo Verde: Instituto Internacional da Língua Portuguesa; 2008. p.1-15.
3. Koch IV. O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto; 2000.
4. Goldman-Eisler F. The determinants of the rate of speech output and their mutual relations. *J Psychosom Res.* 1956;1(2):137-43.
5. Marcuschi LA. Fenômenos intrínsecos da oralidade: a hesitação. In: Koch IGV, Jubran CCAS. Gramática do português falado: construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp; 2006. p. 47-70.
6. Beattie GW. Planning units in spontaneous speech: some evidence from hesitation in speech and speaker gaze direction in conversation. *Linguistics.* 1979;17(1/2):61-78.  
Nooteboom SG. Speaking and unspeaking: detection and correction of phonological and lexical errors in spontaneous speech. In: Fronkim VA. *Errors in linguistic Performance.* New York: [s.n.]; 1980. p. 97-105.
7. Ragsdale JD, Sisterhen DH. Hesitation phenomena in the spontaneous speech of normal and articulatory-defective children. *Lang Speech.* 1984;27(pt3):235-44.
8. Alves MIPM, Castro MG. O fenômeno da hesitação na língua falada. *Cad Estud Linguíst.* 1994; 23(1):485-92.

9. Scliar-Cabral L, Rodrigues BB. Discrepâncias entre a pontuação e as pausas. *Cad Estud Linguíst.* 1994; 26(1):63-77.
10. Tree JEF. The effects of false starts and repetitions on the processing of subsequent words in spontaneous speech. *J Mem Lang*, 1995; 34:709-38.
11. Fávero LL. Processos de formulação do texto falado: a correção e a hesitação nas elocuições formais. In: Preti D, organizador. *O discurso oral culto*. 2a ed. São Paulo: Humanitas;1999. p. 141-59.
12. Nascimento JC, Chacon L. Por uma visão discursiva do fenômeno da hesitação. *Alfa*. 2006; 50(1):59-76.
13. Authier-Revuz J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cad Estud Linguíst.* 1990; 19(2):25-42.
14. Tfouni LV. A dispersão e a deriva na constituição da autoria e suas implicações para uma teoria do letramento. In: Signorini I, organizador. *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras; 2001. p. 77-96.
15. Tfouni LV. Mensagem e poesia: a atualidade de Saussure e Jakobson, ou sobre a verdade do sujeito (e do sentido) em deriva. In: Gaspar NR, Romão LMS, organizadores. *Discurso e texto: multiplicidade de sentidos na ciência da informação*. São Carlos: Edufscar; 2008. p. 71-80.
16. Pêcheux M. Análise automática do discurso. In: Gadet F, Hak T. *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp; 1990[1969]. p. 61-161.
17. Pêcheux M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes; 1990.
18. Logemann J, Fisher HB, Boshes B, Blonsky ER. Frequency and co-occurrence of vocal tract dysfunction in the speech of a large sample of Parkinson patients. *J Speech Hear Res.* 1978; 43(1):47-57.
19. Streifler M, Hofman S. Disorders of verbal expression in parkinsonism. *Adv Neurol.* 1984; 40:385-93.
20. Gurd JM. Verbal fluency deficits in Parkinson's disease: individual differences in underlying cognitive mechanisms. *J Neurolinguistics.* 2000; 13(1):47-55.
21. Henry JD, Crawford JR. Verbal fluency deficits in Parkinson's Disease: a meta-analysis. *J Int Neuropsychol Soc.* 2004;10(4):608-22.
22. Spencer KA, Rogers MA. Speech motor programming in hypokinetic and ataxic dysarthria. *Brain Lang.* 2005;94(3):347-66.
23. Chacon L. Dificuldade de início de movimento na produção de enunciados falados de sujeitos parkinsonianos. *Cad Estud Linguíst.* 2006; 35:1171-8.

24. Nascimento J, Chacon L. Hesitação: um indício de autoria na conversação. In: Tfouni LV, organizadores. Múltiplas faces da autoria (análise do discurso, psicanálise, literatura, modernidade, enunciação). Ijuí: Unijuí; 2008. p. 121-40.
25. Camillo M. Momentos de mudança de orientação de sentido nas hesitações de um sujeito com doença de Parkinson e de um sujeito sem lesão neurológica. *Rev Inic Cient.* 2009;9(3):244-55.
26. Vieira RCR. Hesitação e referenciação no discurso de um sujeito com doença de Parkinson. *Cad Estud Linguist.* 2009; 38(2):259-70.
27. Vieira RCR, Chacon L. Hesitações e suas margens em enunciados de um sujeito com Doença de Parkinson. In: Marçalo MJ, Lima-Nernandes MC, Esteves E, Fonseca MC, organizadores. *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas.* Évora: Universidade de Évora; 2010. p. 191-212.
28. Coudry MIH. *Diário de Narciso: discurso e afasia.* 2a ed. São Paulo: Martins Fontes; 1996.
29. Lemos CTG. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cad Estud Linguist.* 2002; 42(1):41-69.
30. Jakobson R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: Jakobson R *Linguística e comunicação.* São Paulo: Cultrix; 1975. p. 34-62.

